

CHUTEI NO GOL,
ACERTEI SEU
CORAÇÃO





As Primeiras Vezes Sempre Assustam

Quando eu entrei naquela escola pela primeira vez, não sabia o que esperar.

Na verdade, eu estava tentando não esperar nada. Nenhuma cena de filme, nenhum momento mágico, nenhum grupo me esperando de braços abertos. Meu plano era simples: não chamar atenção, não tropeçar, sentar num canto e fingir que sempre estive ali.

Mas mesmo com esse plano, meu coração batia meio descompassado. Tipo quando

você aperta o play num vídeo e não sabe se vai rir ou passar vergonha. Eu não estava nervoso só pela escola — mas pela chance de, finalmente, encontrar pessoas. As minhas pessoas.

Alguém com quem eu pudesse rir até perder o ar. Falar besteira. Compartilhar o fone. Ter segredos.

No começo, eu era só o garoto novo. O que ninguém conhece. O que ninguém nota.

E tudo bem. Mais ou menos.

Até que ela apareceu.

A boina foi a primeira coisa que vi. Depois os cachos — castanhos, soltos, cheios de vida. A saia branca rodava enquanto ela

andava, como se tivesse seu próprio ritmo. E o top verde-oliva dava aquele contraste bonito com a pele dourada. Ela segurava uma bolsa com flores bordadas, do tipo que parece que conta uma história.

Ela não parecia perdida. Muito pelo contrário. Caminhava como se o mundo inteiro fosse um palco e ela, a personagem principal.

E aí, claro, Theo apareceu.

Ele surgiu encostado numa das muretas do pátio, já ajeitando o boné para trás e mandando aquele sorrisinho torto que ele provavelmente treina no espelho. Theo era conhecido por isso. Não por ser gentil, ou por ser bom amigo — mas por achar que

todas as garotas eram “um presente do universo para ele”.

— E aí, princesa. Primeiro dia e já chegou arrasando corações — ele disse, meio rindo, meio testando a sorte.

A garota — que eu ainda nem sabia o nome — parou, olhou para ele com um meio sorriso, e respondeu:

— Você fala assim com todas?

— Só com as especiais.

— Que sorte a minha, então.

A resposta dela foi rápida. E seca. Mas dita com elegância, como quem já teve que lidar com muitos “Theos” na vida.

Ele fingiu não se importar, deu uma piscadinha e se afastou, indo em direção aos amigos, que riam do lado da cantina.

E eu? Eu fiquei ali. Só olhando. Tentando decorar cada detalhe. A boina. O jeito que ela mexia no celular. O som da risada que escapou quando uma folha grudou no sapato dela. Coisas simples. Mas que, por algum motivo, me fizeram sorrir por dentro.

Mais tarde, soube que o nome dela era Amélie. Como aquele filme antigo que meu pai adora. Um nome bonito. Diferente. Com cara de mistério e de poesia.

Eu ainda não sabia o que ela achava de mim.

Mas eu sabia o que eu achava dela.

E naquele momento — ali, parado no canto do pátio, ouvindo o barulho dos alunos entrando — eu tive certeza de uma coisa:
A minha vida estava prestes a mudar.



Isso Foi Por Engano?

No segundo dia, eu cheguei mais cedo.
Não porque eu sou pontual. Nem porque queria impressionar alguém.
É só que... quando você é novo num lugar, acordar cedo parece mais fácil do que ficar virando na cama imaginando como vai ser o dia. Então eu fui.

Entrei na sala meio sonolento, joguei a mochila no canto e sentei na mesma carteira de ontem. Ter um lugar fixo me dava uma sensação de "pertencer" — por mais boba que fosse.

Foi aí que eu vi.

Um papel dobrado, bem pequeno, repousando na madeira riscada da minha mesa. Não tinha nome. Não tinha coração desenhado. Só isso:

"Você tem olhos de quem vê o mundo diferente."

Li uma, duas, três vezes. A letra era leve, inclinada pra direita, com o "r" minúsculo meio esquisito e a pontuação bonitinha. Caprichada, do tipo que alguém pensou antes de escrever.

Meu primeiro pensamento foi: isso é pra mim mesmo?

Mas eu estava sozinho na sala.

E o papel estava ali.

Dobradinho. Esperando.

E por dentro, eu me desmontei.

Porque, pela primeira vez desde que entrei naquela escola, alguém tinha me notado.

Talvez não do jeito que eu imaginava... mas o suficiente pra deixar um bilhete.

Eu não sabia quem tinha deixado. E talvez esse fosse o charme.

Poderia ter sido Amélie.

Ou Camille, que tinha cadernos de adesivos e sorrisos que dançam.

Ou talvez ninguém. Talvez fosse só uma brincadeira. Um engano.

Mas mesmo que fosse...

Eu guardei o papel.

Guardei como se fosse uma mensagem secreta vinda do universo, dizendo:

Você está aqui. E isso já é alguma coisa.



O Caos Chamado Theo

A aula estava quase começando quando ouvi meu nome.

Quer dizer, não meu nome exatamente, mas algo próximo o suficiente pra me fazer virar o rosto.

"...o bilhete que eu deixei pro Renan..."

A voz era da Camille. Eu reconheci no mesmo instante — suave, meio rápida, como se estivesse sempre tentando acompanhar os próprios pensamentos. Ela falava com a Amélie, que estava com o cabelo preso de lado e rindo de alguma coisa que eu não entendi.

Meu coração disparou. Como se tivesse ganhado uma corrida que eu nem sabia que estava correndo.

Ela tinha deixado o bilhete. Era mesmo pra mim.

Não era engano. Não era sorte.

Foi tipo um clique na minha cabeça. Eu precisava falar com ela. Não dava mais pra ficar só imaginando.

Na hora do intervalo, respirei fundo umas três vezes antes de levantar da mesa. Minhas mãos suavam como se fosse apresentação de trabalho, mas meus pés andavam sozinhos até onde ela estava.

“Camille?”

Ela virou, surpresa, e depois sorriu.

"Oi! Você leu o bilhete, né?"

Assenti, meio sem saber o que fazer com os braços. "Li... e... obrigado. Foi... bonito. De verdade."

"Ah, eu só escrevi o que pensei," ela deu de ombros, como se não tivesse acabado de fazer o meu mês. "Você quer vir com a gente? Eu e a Amélie vamos comer perto da quadra."

Eu nem pensei duas vezes. Só fui.

Fomos os três, andando entre as conversas do pátio, com o sol filtrando pelas folhas das árvores. A Amélie fez piada de alguma coisa que a Camille falou, e eu ri — mesmo sem entender nada. Mas era bom. Era leve. Pela primeira vez, eu estava fazendo parte de uma cena, não só olhando de longe.

Sentamos na sombra, e começamos a falar sobre bobagens. Filmes, professores estranhos, o lanche horrível da cantina. Eu contei que gostava de desenhar. Amélia disse que também. Camille contou que queria ser veterinária.

Foi... bom.

Até que ele chegou.

Theo.

Alto, voz arrastada e aquele jeito de quem acha que o mundo inteiro gira ao redor dele. Ele apareceu do nada e já chegou rindo.

"E aí, Amélia. Nova companhia?"

Ela ficou séria por dois segundos, depois forçou um sorriso. "Oi, Theo."

Camille cruzou os braços. Eu fiquei sem reação. Ele me olhou de cima a baixo, depois se virou de novo pra Amélia.

"Você tem falado pouco comigo ultimamente. Tá ocupada com... outras coisas?"

A tensão foi instantânea.

Amélia fechou o caderno que tinha aberto e disse, "Tô ocupada com quem eu quero conversar, Theo."

Ele riu, aquele riso debochado que dá vontade de sumir do lugar. "Tá bom, relaxa... só vim dar um oi." E saiu como se fosse dono da cena. Só que ele deixou um rastro pesado no ar.

Camille suspirou.

"Desculpa por isso," disse ela, me olhando. "O Theo é... complicado."

Amélie completou: "Ele era nosso amigo. Quase nosso melhor amigo, até começar a achar que podia ter tudo — inclusive a Camille."

"Mas não é assim que as coisas funcionam," Camille falou baixo. "A gente meio que se afastou. Ele não gostou."

Eu só balancei a cabeça, tentando entender tudo. Mas por dentro, sentia que tinha entrado num universo novo — onde as pessoas têm histórias, cicatrizes e segredos.

Camille me olhou de novo, com um sorriso pequeno, verdadeiro.

"Quer sentar perto da gente amanhã? A gente sempre fica na penúltima fileira. E... se quiser vir no recreio de novo também..."

Meu coração disse sim antes da boca conseguir.

E naquele momento, mesmo com o incômodo do Theo ainda latejando, eu senti que alguma coisa boa estava começando.

Algo que eu não queria perder por nada.

IV

Meu Pesadelo, Virando Um Sonho

Se existe uma frase que me dá calafrios é:
"Agora vamos fazer um trabalho em grupo."

Porque, vamos ser sinceros, "trabalho em grupo" na escola é só um nome bonito pra:

1. Um faz tudo.
2. Outro só pergunta: "já tá pronto?"
3. Um some misteriosamente no segundo dia.

4. E, se tiver sorte, alguém que sabe colocar gif engraçado no slide.

Eu já estava preparado pro caos.

Mas o destino — *esse roteirista sem noção da minha vida* — resolveu me surpreender de novo. No momento em que a professora falou: “Grupos de até três, podem se juntar com os colegas por perto”, Camille me olhou na mesma hora, e por um segundo fiquei já esperando o convite...

— Eu vou com a Rafa hoje... a gente combinou antes. Pode ser?

Pode ser?

Claro que pode.

Só senti meu plano de aproximação indo embora com o vento, mas tá tudo bem. Totalmente bem. Super zen.

E aí, no meio do meu dilema mental, senti alguém puxando a cadeira do meu lado.

Amélie.

Como se já soubesse.

— Vem comigo.

— Certeza? — perguntei, meio rindo.

— Claro que sim. — ela disse, como se fosse óbvio.

E foi assim que começou.

O tema do projeto?

"Mudanças Climáticas e o Futuro do Planeta."

Perfeito pra uma sexta-feira de manhã em que tudo o que eu queria era não pensar no fim do mundo.

— Ok, vamos organizar isso — eu disse, onde em minha mente era deste jeito que eu daria um ar de liderança. — Eu pesquiso os dados e começo o texto.

— Fechado. Eu cuido dos slides. Mas aviso logo: vai ter transição dramática e, com certeza, um gif de pinguim congelando.

— E a parte da apresentação?

— A gente divide. Mas você tem que prometer que não vai me abandonar na frente da turma. Eu fiquei traumatizado no pré por causa de um microfone.

Passamos quase a aula inteira ali: dividindo tarefas, trocando piadas sobre aquecimento global (porque às vezes é isso ou só chorar mesmo), e descobrindo que a gente... se dava bem.

Teve uma hora em que ela me encarou, como quem observa um animal raro no zoológico, e perguntou:

— Você é sempre assim... tão certinho?

— Como assim?

— Tudo esquematizado, com tópicos, setas, sublinhado. Sua cabeça parece um drive cheio de pastinhas nomeadas.

— E a sua funciona como?

— Como um navegador com 47 abas abertas, 3 travadas, uma tocando música do nada, e outra que ninguém sabe de onde surgiu.

Eu ri. De verdade.

Daquelas risadas que fazem a barriga doer um pouco e o clima ficar mais leve ainda.

Porque era isso. Ela era isso.

Um caos gostável. Autêntico. Vivo.

E ali, entre os gráficos sobre emissão de carbono e os memes de pinguins tristes, eu percebi:

Eu gostava de estar ali com ela.

Não era plano.

Não era nervoso.

Não era bilhete.

Era só... natural.

E, sinceramente? Pela primeira vez, eu não queria que o trabalho acabasse logo.

V

A Apresentação

O grande dia chegou. Dia de encarar a apresentação do trabalho. Ou, como meu cérebro insistia em chamar: “dia do possível colapso público”.

A sala estava naquele caos silencioso, típico de quando todo mundo tenta parecer tranquilo, mas tá prestes a desmaiar. Gente passando mal de nervoso, notebook travando, slides sem fonte... um show.

Eu estava com a mão gelada, a camiseta grudando nas costas, e Amélie do meu lado — parecendo que ia pra um desfile, e não para uma apresentação sobre catástrofes climáticas.

— Se tudo der errado, finge um desmaio —
ela sussurrou, com aquele tom 100% sério,
100% zoeira. — Já treinei no espelho.
Funciona sempre.

— E se não funcionar?

— A gente vai pra enfermaria. Guaraná e
bolacha de graça. Ainda saímos no lucro.

Ela conseguia me fazer rir mesmo com a
ansiedade me apertando o estômago.

Nos chamaram.

Levantei como quem tá indo pra uma missão
suicida. Coração batendo mais que bateria
de escola de samba em final de carnaval.

Comecei falando. Falei sobre as mudanças
climáticas, os dados de derretimento, as

fontes que a gente achou. Amélie me olhava com aquela cara de quem estava entre “tô impressionada” e “meu Deus, como ele é certinho”.

E aí chegou a vez dela. Ela pegou o controle do slide, respirou fundo, olhou pra sala e soltou:

— Bom dia, gente. Eu sou a Amélie e hoje a gente vai conversar sobre o fim do mundo... com elegância.

A sala caiu na risada. Até a professora esboçou um sorriso (e olha que ela parece que nasceu com cara de avaliação).

E aí ela foi. Mandou gif de pinguim, fez metáforas malucas (comparou o aquecimento global com aquele cobertor que

esquenta até demais), e de repente... todo mundo tava prestando atenção. Tipo, mesmo.

Chegou a parte final. A gente falou junto. Sem ensaio, sem roteiro decorado. Mas fluiu.

Tipo música boa que você ouve pela primeira vez e já sabe cantar o refrão.

Aplausos. E um monte de gente sorrindo. E eu ali, com o coração pulando de alegria e pânico misturado.

Voltamos pros nossos lugares. Ela se jogou na cadeira, como se tivesse acabado de correr uma maratona de emoções e memes climáticos.

— Sobrevivemos — disse ela, ainda com o sorriso vitorioso no rosto.

— E com nota alta, pelo menos espero — respondi, meio rindo.

Ela me encarou. Um segundo a mais do que o necessário. Aquele segundo que deixa qualquer um sem saber se é só um olhar... ou o começo de alguma coisa.

— Você foi ótimo — ela disse.

— Você também. Sério mesmo.

— Sabia que eu não tava nem um pouco empolgada com esse projeto?

— E agora?

Ela deu de ombros, com aquele sorrisinho torto dela.

— Agora eu meio que queria que tivesse mais um capítulo...

E ali, sem fundo musical, sem fade dramático... só o silêncio da sala e a respiração acelerada, eu percebi:

Talvez o projeto fosse só o pretexto. Porque o que tava começando ali era muito mais do que uma apresentação sobre o futuro do planeta. Talvez fosse sobre o começo do nosso futuro.

XI

Sem Plano, Com Sentido

Depois de alguns dias aproveitando cada segundo com minhas AMIGAS (sim, elas já me acolheram mais rápido do que um carro de Fórmula 1). E assim um sábado amanheceu com gosto de história boa.

Camille tinha mandado mensagem na sexta à noite:

“Conseguem vir em casa agora? Minha mãe vai sair, a cozinha é nossa.”

E foi isso. Sem plano mirabolante. Sem cronograma.

Só uma cozinha, três pessoas, e uma receita de panquecas que Camille disse ter aprendido com um vídeo da internet — daqueles que parecem fáceis, mas escondem armadilhas.

Cheguei com a sacola de leite e achocolatado que prometi trazer. Amélie já estava lá, sentada na bancada, mexendo uma tigela de massa como se tivesse feito isso a vida toda.

— Você confia nessa receita? — perguntei, deixando a sacola.

— Confio na minha intuição — ela respondeu.

— Isso significa “não faço ideia do que tô fazendo”, né?

— Exatamente.

Camille apareceu com o cabelo preso de qualquer jeito e um sorriso que parecia ter sido passado no açúcar.

— A missão de hoje é simples: não botar fogo na casa — disse ela.

Rimos. Começamos.

Entre panquecas mal viradas, brigadeiro improvisado como recheio e suco de laranja que tinha mais bagaço do que líquido, a manhã virou tarde sem a gente perceber.

A cozinha virou palco de confissões aleatórias, tipo melhor desenho que já assistiu e quem ainda dormia de meia mesmo no calor.

— Eu me apaixonei por Toy Story — disse Camille.

— E eu pelo Snoopy — disse Amélie. — É incrível... impecáveis.

— Eu era mais do tipo que gostava de Tom And Jerry — sem julgamento.

Amélie me olhou por cima do copo de suco, com um arqueado de sobrancelha que dizia: “faz sentido”.

Ficamos ali, espalhados pelo sofá da sala, com a TV ligada em volume baixo e os pratos ainda na mesa da cozinha.

Camille, como sempre, dominava a conversa. Mas em um momento, ela se levantou pra atender o celular.

E aí ficou só Eu e Amélia.

Silêncio. Não incômodo. Silêncio bom.

Amélie mexia no próprio anel, girando devagar no dedo. Um gesto pequeno,

distraído. Mas dava pra ver que algo passava por dentro.

— Eu gosto desses momentos — ela disse, sem me olhar.

— Momentos tipo... panquecas e bagunça?

— Tipo silêncio e segurança.

Eu não disse nada. Só assenti.

Ela virou pra mim, e dessa vez, os olhos encontraram os meus.

— É estranho como, às vezes, a gente se sente mais confortável com quem chegou depois do que com quem tá há anos na nossa vida, né?

— Nem um pouco estranho. — Respirei fundo. — Eu entendo completamente.

Ela sorriu. De leve. Meio triste, meio feliz.

— Você é fácil de estar perto, Renan.

E antes que eu pudesse responder, Camille voltou pulando com alguma novidade sobre um evento na praça no dia seguinte.

A conversa mudou. A tensão evaporou. Mas a frase ficou.

“Você é fácil de estar perto.”

E naquele fim de tarde, com gosto de panqueca doce e o som da risada da Camille no fundo, eu percebi:

Tem vínculos que começam devagar. Mas quando crescem...mudam tudo sem fazer alarde.

Como o início de uma música que você ainda não conhece, mas sabe que vai virar sua favorita.

VII

Coração em Modo Avião

Domingo foi dia de parque.

Camille apareceu com uma cesta de piquenique maior que a mochila escolar dela, dizendo que "a vida merece frutas cortadas em triângulo e suco de uva em copo de plástico".

Amélie trouxe uma bola de vôlei. Eu trouxe protetor solar, porque alguém tem que ser o responsável.

Achamos um cantinho de grama perto da quadra de areia e montamos nosso acampamento improvisado com cangas, caixas de som e o bom Karaokê.

Começamos com o vôlei, que na real era mais "bola voando em qualquer direção menos a certa".

— Camille, isso foi um passe ou um ataque contra a humanidade? — perguntei, depois de um saque que quase acertou um senhor sentado a um quilômetro de distância.

— Foi um strike, obrigada — ela respondeu, fazendo pose de atleta que não é.

Amélie ria, suando, com o cabelo preso de qualquer jeito e um brilho no olhar que eu não via desde sexta.

Jogamos, rimos, caímos na areia e depois nos jogamos no piquenique como se fosse a última refeição do universo.

Pão de queijo, morango com chocolate, bolacha recheada, suco quente porque ninguém lembrou do gelo... e ainda assim, tudo parecia perfeito.

— Verdade ou desafio? — Camille propôs, enquanto mastigava um pedaço de maçã.

— Só se prometerem não filmar nada — disse Amélie, já sabendo que ia dar ruim.

— Prometido. — Mentira descarada de Camille.

As perguntas começaram bobas. "Qual foi seu primeiro crush?" "Já fingiu estar doente pra não ir à escola?" "Qual seu maior medo?"

Até que chegou em mim.

— Renan, verdade ou desafio?

— Verdade.

— Quem aqui te deixa mais nervoso?

Fiquei vermelho. Olhei pros lados como se tivesse uma resposta escrita no vento.

Amélie encarava o céu, Camille me encarava com um sorrisinho suspeito.

— Próxima pergunta! — brinquei, tentando disfarçar.

— Covarde! — gritou Camille, jogando um travesseiro improvisado em mim.

E aí, no meio da bagunça, ele apareceu.

Theo.

Camisa branca, boné pra trás, aquele jeito de quem sempre parece pronto pra uma selfie.

— E aí, Renan! — ele disse, alto demais pra quem chegou do nada.

Meu estômago virou uma borboleta ansiosa.

— Theo... oi. — tentei parecer tranquilo.

Camille e Amélie pararam de rir por um segundo.

— Vim encontrar uns amigos, mas vi vocês e resolvi dar um oi — ele falou, olhando mais pra mim do que pro resto do mundo.

Amélie ajeitou o cabelo. Camille apenas observava, como quem guarda informações pra usar depois.

— Bom te ver — foi tudo que consegui dizer.

— A gente se fala depois, então — ele disse, PISCANDO.

Theo foi embora. Mas a sensação de “câmera lenta + vergonha súbita” ficou.

— Ele é bonito — disse Camille, depois de um tempo.

— E claramente te curte, né? — completou Amélie, com a voz meio neutra, meio afiada.

— Devem só se conhecer... eu acho — tentei desconversar.

Mas ninguém acreditou.

E eu, sinceramente? Nem sabia se queria que acreditassem.

Porque por mais que Theo tivesse desbalanceado o clima... Era nas conversas, nos silêncios e nos domingos de parque com elas que eu me sentia mais... eu.

VIII

Só Um Palpite

Os dias passaram.

Não muitos, mas o suficiente pra deixar algumas coisas em suspensão. Tipo quando você abre uma mensagem e não sabe se responde agora ou nunca.

Desde o domingo no parque, Theo tinha mandado alguns "e aí?" pelo celular, mas

nada que me fizesse esquecer dos olhos da Amélie quando ele apareceu.

Ou do jeito como ela mexeu no cabelo, tentando parecer indiferente — e falhando lindamente.

E foi numa quarta-feira meio nublada, na saída da aula, que tudo começou a clarear.

Amélie me chamou pra andar até a esquina. Sem Camille, sem grupo, só nós dois.

— Você tá estranho. — Ela foi direto.

— Eu? Você que tá... sei lá. Mais calada. Mais você.

— Isso foi um elogio?

— Ainda tô tentando descobrir.

A gente riu, mas não era uma risada de meme. Era uma risada de “tem algo aqui e a gente precisa falar”.

Paramos num canto da pracinha, onde o barulho da cidade virava fundo musical.

— Sabe o que eu acho? — ela disse, olhando pro chão. — Que a gente sente, mas finge que não. Pra não complicar.

— Acha que a gente sente o quê?

— Alguma coisa.

E foi isso. “Alguma coisa.”

Um sentimento no singular, mas com peso de plural.

Eu queria dizer mais. Queria perguntar se ela sentia o mesmo nó que eu sentia quando ela me olhava daquele jeito. Mas o medo do que podia vir depois ainda era maior que a coragem.

Então só concordei.

— É... talvez.

E então, como se o universo tivesse um senso de timing dramático, Camille apareceu na sexta com uma ideia genial:

— Vamos jogar “quem é mais provável” no intervalo?

— Ah não — disse Amélie, já sabendo que vinha cilada.

— Ah sim — respondeu Camille, sorrindo como quem segura um fósforo perto da gasolina.

A brincadeira começou inocente de novo: "Quem é mais provável de dormir no meio da aula?" "Quem é mais provável de esquecer o fone em casa e sofrer o resto do dia?"

Mas aí veio:

— Quem é mais provável de se apaixonar e não perceber?

Camille me olhou. Depois olhou pra Amélie.

Amélie mordeu o lábio. Baixou os olhos.

E aí, sem dizer nada, ela simplesmente apontou o dedo... pra mim.

Meu coração deu um pulo. Depois outro.

— Ah não, isso foi indireta direta — disse Camille, rindo.

— Só um palpite — respondeu Amélie, dando de ombros.

Mas seus olhos disseram tudo menos “palpite”.

E eu... fiquei ali. Entre a certeza de que alguma coisa existia e a dúvida se era amizade demais... ou algo a mais.

IX

Todo Mundo Rindo. Menos Eu.

Na segunda-feira, a escola parecia igual.

Mas não tava.

Não pra mim.

Não depois da mentira.

Theo, do nada, resolveu ser o centro das atenções. E pra isso, decidiu jogar meu nome no meio de uma roda de fofoca com fogo. Disse que eu tinha escrito uma carta de amor pra Amélie. Uma carta toda brega. Cheia de “meu raio de sol” e “quero te beijar até o recreio acabar”.

Detalhe: essa carta nunca existiu.

Mas ele jurou que sim. Mostrou até um pedaço de papel rabiscado, dizendo que era minha letra.

E quando percebi, já tava todo mundo rindo.

— Vai deixar o coração do Renan esperar até o recreio acabar, Amélie? — alguém gritou no corredor.

— Cuidado, Camille! O poeta aí pode te pedir em casamento na hora do lanche — disse outro.

A vergonha me bateu como uma onda gigante. Me senti pequeno. Ridículo.

Durante a aula, tentei fingir que não era comigo. Olhar pro caderno, pro teto, pro fundo da alma... menos pra qualquer pessoa.

No intervalo, fugi.

Sentei atrás do ginásio, num canto escondido, como quem quer se evaporar.

Foi aí que elas vieram.

Primeiro Camille, que chegou já chutando uma pedra no caminho, com cara de quem tava pronta pra bater em alguém.

— Esse Theo é um idiota. E eu já tenho um plano. Só preciso de uma faixa, um microfone e talvez uma galinha de borracha.

Depois Amélie, mais quieta, sentando ao meu lado.

— Você tá bem?

— Tô parecendo alguém que tá bem?

— Tá parecendo alguém que precisa lembrar que tem gente que acredita em você.

Mesmo quando o mundo gira do lado errado.

Eu respirei fundo. Os olhos arderam, mas segurei.

— Parece que todo mundo agora me vê como um piadista desesperado por atenção.

— Errado — disse Amélie. — Nós te vemos como você é: alguém que sente de verdade. Que tenta fazer o certo. E que não merece passar por isso sozinho.

— Mesmo depois de toda essa confusão?

— Especialmente depois.

Camille se sentou também, e colocou um pacote de bolacha entre a gente.

— A gente não vai deixar você afundar, Renan. Se o mundo te virar de cabeça pra baixo, a gente vira junto e faz ele girar no sentido certo de novo.

A bolacha passou de mão em mão. O silêncio virou conforto.

E naquele momento, ali atrás do ginásio, com o som abafado da escola ao fundo e as duas do meu lado, eu entendi uma coisa que valia mais que qualquer desmentido público:

Algumas pessoas são âncoras. Outras,
tempestades.

Mas se você tiver sorte... encontra quem
seja o seu próprio sistema solar.

X

Do Riso ao Silêncio

No dia seguinte, Camille apareceu com aquele brilho no olhar que só surgia quando uma ideia maluca — *e genial* — tomava conta da cabeça dela.

— Já que ele quis palco... vamos dar show.

Ela puxou a gente pro laboratório, abriu o estojo e tirou... um pendrive. Dentro, um áudio que ela mesma gravou escondida.

Era Theo, num papo com os amigos, rindo e dizendo:

"Óbvio que foi zoeira. Nem sei se o Renan sabe escrever poema. Mas ficou engraçado, né?"

Pronto.

Camille já tinha tudo planejado.

Na hora da reunião de turma no auditório, ela pediu a palavra pra falar sobre "convivência e respeito entre colegas". O professor deixou. O microfone mal encostou na boca e ela já tava com o mundo na palma da mão.

— Tem gente que acha que é engraçado mentir sobre os outros. Criar histórias. Fazer a escola rir às custas de alguém que nunca fez mal a ninguém. Mas o que acontece quando a verdade aparece?

Ela deu play no áudio.

Silêncio.

Depois, aquele “oooooh” coletivo, típico de quando o público sente a rasteira virar chute.

Theo ficou pálido. Tentou falar alguma coisa. Mas nem ele mesmo ouviu.

Camille continuou:

— As palavras têm peso. E hoje, elas voltaram pra quem as jogou no lugar errado.

O professor ficou sem reação, mas não impediu nada.

Renan, sentado no fundo, só observava. O coração batendo como um chocalho.

Quando tudo terminou, ele saiu do auditório com as pernas meio bambas. Não de medo. Mas de alívio.

Amélie o alcançou no corredor.

— Viu? Você não tá sozinho.

— Eu devia te agradecer.

— Você devia entender que a gente se importa. Muito mais do que você imagina.

Ela olhou bem nos olhos dele. O tipo de olhar que derruba escudos.

— Eu fiquei com medo de você acreditar naquilo tudo. De pensar que você não vale a pena.

— E eu quase acreditei — ele respondeu, num sussurro.

Amélie mordeu o lábio, desviou o olhar por um segundo e então soltou:

— A verdade é que... se tivesse uma carta de verdade, escrita por você... eu ia querer ler.

Silêncio.

Renan não soube o que dizer.

Era amizade? Era mais? Era um começo ou só mais uma curva no caminho?

Antes que ele conseguisse reagir, Camille apareceu pulando do nada:

— E aí, casal poético, vamos comemorar ou não?

— Não é casal... — Renan tentou, vermelho.

— Ainda, né? — Camille piscou, virando as costas e seguindo.

Amélie só riu, mas não negou.

E naquele momento, entre frases soltas, corações acelerados e uma verdade revelada no microfone, Renan soube:

Algumas quedas machucam. Mas com as pessoas certas por perto, até a dor vira ponte.

E talvez, só talvez, aquela ponte estivesse levando ele direto pro lugar que o coração sempre quis chegar.

XI

Segredos No Escuro

Depois de tanta confusão, revelações e olhares que falavam mais do que palavras, Camille lançou a proposta:

— A gente precisa sair. Tipo... despressurizar. Um cinema, sei lá. Só nós três.

Renan topou, meio hesitante, mas Amélie já estava sorrindo.

— Combinado. Pode ser sábado?
E assim foi.

No sábado, os três se encontraram no shopping. Camille, como sempre, falando mil por hora, já chegou decidida:

— Filme de terror. Porque comédia a gente já vive na escola.

Renan não quis dizer que preferia qualquer outra coisa, mas Amélie encarou o desafio com animação.

— Vai ser divertido. Prometo não gritar muito.

Na fila do cinema, Renan colocou a mão no bolso... e ficou pálido.

— Esqueci minha carteira.

Camille riu.

— Já começou o terror.

— Eu pago — Amélie se adiantou.

Entramos na sala. Camille se jogou na ponta da fileira. Amélie ficou no meio. Renan ao lado.

As luzes se apagaram. O filme começou.

No escuro da sala, as risadas de Camille surgiam sempre que alguém levava susto — inclusive ela mesma.

Amélie estava concentrada. E eu tentava parecer calmo.

Em um momento mais calmo do filme, Amélie, distraída, colocou a mão no apoio de braço — exatamente onde EU já estava. As mãos se tocaram. Ambos recuaram, quase ao mesmo tempo.

— Ai! — ela soltou, rindo baixinho. — Foi sem querer.

— Tudo bem — respondi, com o coração disparado mesmo sem monstros na tela.

Mas não passou muito tempo.

Uma cena tensa, trilha sonora assustadora... e BAM! Um susto fez Amélie se encolher no assento, e sua mão foi direto até a minha. Dessa vez, ficou ali. Segurando firme.

Engoli seco. Camille, ocupada rindo de um cara que derrubou a pipoca duas fileiras à frente, nem percebeu.

E ali, naquele toque no escuro, sem uma palavra sequer, alguma coisa passou entre os dois. Um silêncio cheio de tudo.

Quando o filme acabou, Camille saiu pulando:

— Tá maluco, aquele espelho! Eu nunca mais vou entrar no banheiro sem acender a luz!

— Você gritou mais que a plateia inteira —
Amélie brincou.

— Mentira! Foi o Renan quem pulou da
cadeira!

— Ei! — eu protestei, rindo.

— Relaxa, o sorvete é por minha conta —
(lembrei que meu dinheiro tava na capinha
do celular).

Foram para a área de alimentação, e cada
um pegou um sabor diferente. Sentaram ali,
em uma mesa de canto, rindo e contando
suas partes preferidas (e as mais absurdas)
do filme.

— Sério, eu gostei disso — disse Camille. —
A gente precisava de um momento só nosso.
Sem escola, sem Theo, sem confusão.

Amélie assentiu, e depois olhou para mim.

— Foi bom.

Fiquei vermelho, não me pergunte o porquê.

Camille olhou de um para o outro, com uma
cara de Cupida.

Renan encarou o fundo do copo de sorvete.
Amélie só riu.

E entre o sabor doce na boca, a presença
dos amigos certos e uma mão que ficou por
mais tempo do que devia, Renan percebeu:

Alguns filmes assustam. Mas outros...
revelam.

E talvez, só talvez, o que estava nascendo
ali fosse mais do que uma amizade com
sustos no meio.

XII

O Mundo Em Silêncio

A semana seguinte começou com céu
nublado — e não só no tempo. A escola
parecia mais silenciosa do que o normal.
Talvez fosse o clima. Talvez fosse o fato de
que Theo andava com a cabeça baixa, mais

isolado do que de costume. Talvez, quem sabe, todo mundo tivesse sentido que algo estava mudando.

Renan sentou na janela da sala durante o intervalo. Observava a chuva fina deslizando pelo vidro, como se tentasse ler o que o mundo não estava dizendo em voz alta.

Camille apareceu, como sempre, quebrando qualquer tensão:

— Pensando na vida ou só esperando o apocalipse zumbi começar?

— Um pouco dos dois.

Ela riu, puxou uma cadeira e sentou ao lado.

— E Amélie?

Renan deu de ombros.

— A gente se falou pouco hoje.

— Porque ela também tá estranha — Camille comentou. — Mas não daquele jeito ruim. Estranha tipo... tentando entender um monte de coisa dentro dela.

Renan não respondeu. Só encarou o reflexo no vidro. No fundo, sabia exatamente o que Camille queria dizer. Às vezes, um toque na mão pode deixar o coração confuso por dias.

A aula passou arrastada.

Na saída, o céu desabou de vez. Chuva grossa, vento forte, trovões. E claro... Renan sem guarda-chuva.

Quando se deu conta, já estava preso debaixo da marquise da escola, esperando o temporal dar trégua. Até que escutou uma voz:

— Tem espaço pra dois aí?

Amélie apareceu, com o cabelo úmido e um sorriso tímido. O guarda-chuva dela era pequeno, quase simbólico.

— Eu ia embora, mas vi que você ficou.

— Esqueci o meu — ele respondeu.

— Quer dividir?

Antes que ele dissesse sim, ela já estava estendendo o braço, o convidando a entrar debaixo do pequeno abrigo.

Andaram em silêncio por um tempo. O barulho da chuva nos telhados parecia uma música de fundo.

— Camille disse que você tá estranho —
Amélie comentou, sem olhar pra ele.

— Você também, segundo ela — ele
devolveu, com um meio sorriso.

— E será que ela tá certa?

Renan pensou por um momento antes de responder:

— Eu tô tentando entender umas coisas.
Tipo... por que uma coisa tão simples como
segurar uma mão pode bagunçar tudo aqui
dentro.

Ela parou de andar. Ainda com o braço esticado, protegendo os dois da chuva.

— Talvez... porque não foi tão simples assim.

Os olhos se encontraram. A chuva caía mais devagar agora, como se o céu tivesse percebido que precisava dar espaço pro momento.

— Renan — ela disse, baixinho — tem coisas que não dá pra entender com a cabeça. E tem sentimentos que não precisam de nome no começo. Só precisam ser sentidos.

Ele não respondeu. Mas ali, debaixo daquele guarda-chuva que mais cobria o coração do que os corpos, ele soube: alguma coisa estava acontecendo. E mesmo sem saber

exatamente o que era, ele queria descobrir.
Com ela.

Camille apareceu logo depois, correndo com um saco de batata frita na mão.

— Finalmente achei vocês! Tava preocupada. Achei que tinham se declarado e fugido juntos ou coisa assim.

— Camille! — Amélie riu, corando.

— Calma, só tô dizendo o que o universo provavelmente quer.

Renan só balançou a cabeça, mas não conseguiu evitar de sorrir.

No fim, era isso: às vezes, a vida era feita de pequenas tempestades. Mas com as pessoas certas, até a chuva vira desculpa

pra se aproximar de quem se quer por perto.

XIII

A Flor Mais Linda

Eu acordei com vontade de fazer algo diferente. Não só por fazer... mas porque eu queria dividir um lugar bonito com alguém que estava deixando meus dias mais bonitos também.

Mandeí mensagem pra Amélie:

“Tem uma exposição de flores hoje na estufa de minha mãe. Quer ir comigo?”

Não demorou nem cinco minutos.

"Sim. Que horas?"

A resposta foi simples, mas me fez sorrir feito bobo. Marcamos às 15h.

Quando ela chegou, parecia que até o vento quis acompanhar. O cabelo dela balançava de um jeito tranquilo e tudo nela parecia encaixar com aquele dia. Nem precisei dizer que ela tava linda. Ela já sabia. E mesmo assim, não fazia ideia do quanto mexia comigo só de aparecer.

A exposição era um mar de cores. Flores de todos os jeitos, cheiros, tamanhos. A luz entrando pelo teto de vidro fazia tudo brilhar. Mas o que me deixou mais sem palavras, foi caminhar ao lado dela... e

sentir que, pela primeira vez, a gente tava no mesmo ritmo.

Sem silêncio constrangido. Sem aquele medo bobo de falar errado.

Paramos numa barraca que vendia flores avulsas. E aí eu vi ela: uma tulipa branca com lilás claro. Linda, suave, diferente.

— Essa aqui... me lembrou você — falei, entregando pra Amélie, junto com um colar de um Planeta Terra prata, pela metade.

Ela não disse nada. Só me abraçou.

Mas, cara... que abraço.

Não foi daqueles de “obrigada” ou “legal, valeu”. Foi um abraço demorado. Apertado.

Sincero. Um daqueles que parecem dizer tudo o que a boca ainda não teve coragem.

Fechei os olhos.

Guardei aquele momento.

Se um dia eu tiver que lembrar de quando as coisas começaram a dar certo... vai ser ali.

A gente ficou mais um tempão entre as flores. Rindo, falando da vida, do futuro, de nada. Mas era tudo. A Amélie tava leve. Eu também. Como se aquele peso que existia entre nós tivesse simplesmente... sumido.

Na saída, o céu já tava ficando meio laranja. Um pôr do sol digno de filme. Ela andava do

meu lado, mexendo na tulipa com cuidado, como se fosse uma coisa rara.

Do nada, quando a gente chegou perto da rua, ela parou.

— Ei, Renan...

Eu virei pra ela.

E ela me deu um beijo na bochecha. Rápido. Mas preciso. Tipo uma vírgula no meio de uma frase importante.

— Até segunda — ela disse, com aquele sorrisinho safado, e saiu andando antes que eu conseguisse reagir.

Fiquei parado ali. Com a mão na bochecha. Rindo sozinho.

E naquele momento, eu soube: a vergonha tinha ido embora. O medo também. Agora... só tinha espaço pra querer viver isso. Do jeito certo. **COM ELA.**

XIV

"Se Ela Lesse..."

Se ela soubesse o efeito que o nome dela tem no meu peito, diria menos vezes, só pra me poupar do aperto.

Se ela visse o jeito que os olhos dela param o tempo, talvez entenderia por que eu fico calado por dentro.

Falo com o mundo, mas quando é com ela... meus verbos tropeçam, minhas certezas derretem. Meus planos se perdem. Só ela me encontra.

Não é sobre beleza — é sobre paz. Sobre como tudo nela me acalma, me bagunça e depois organiza.

Eu sou páginas em branco quando ela sorri. E tinta correndo solta, quando ela encosta em mim.

A tulipa que dei não foi só flor. Foi um pedaço do que sinto sem coragem de pôr

pra fora. Foi meu jeito de dizer "gosto de você" sem dizer.

E aquele beijo na bochecha... foi curto pra quem viu, mas eterno pra quem sentiu. Ficou. Como tatuagem em pele de lembrança.

Ela não sabe, mas carrego o cheiro do abraço, a risada no meio da plantação, as palavras trocadas que nem eram tão profundas, mas foram tudo.

E agora escrevo, pra ver se o coração entende: que mesmo sem prometer nada, ela já virou meu poema favorito.

E se um dia ela ler isso — se um dia ela souber — que saiba: nunca foi só amizade. Nunca foi só fase.

Foi ela. É ela. E tudo em mim ainda quer ser "nós".

XV

Isso É Um Bom Sinal?

Sabe aquele dia em que tudo parece sob controle? Pois é. Eu também não.

O plano era simples: trabalho em grupo na minha casa. Um texto pra apresentar, uns slides básicos, pizza no fim e boas risadas. Camille, como sempre, chegou como se fosse dona da residência.

— O que têm pra come? — ela gritou abrindo a geladeira.

Enquanto Camille vasculhava a geladeira como uma caçadora de comida, Amélie ficou no meu quarto. Sentou-se ao lado da escrivaninha e começou a separar os livros. Tudo tranquilo. Até demais.

Até que...

Ela viu.

O papel.

O papel dobrado. O poema que escrevi na noite em que o coração transbordou demais pra guardar tudo dentro do peito.

Eu tava na sala tentando conectar o notebook na TV — *spoiler: não consegui* — quando ouvi um leve barulho de cadeira arrastando. Só depois soube o que estava acontecendo.

Amélie tinha desdobrado o papel com um cuidado que nem joia rara merece. **E leu.**

Cada verso.

Cada metáfora maluca.

Cada linha onde escondi sentimentos que nunca tive coragem de dizer.

E então, ela *chorou*.

Chorou em silêncio, como quem entende algo que o mundo inteiro não entendeu. Limpou o rosto com as costas da mão, apertou o papel contra o peito, e depois o dobrou de novo com carinho. Como se fosse segredo. Como se fosse dela.

Colocou na sua bolsa. E voltou pra sala como se nada tivesse acontecido.

— Demorei? — ela disse sorrindo, com a voz meio engasgada.

— Que nada, tava só... tentando fazer o HDMI funcionar. — *(Mentira, eu tava desistindo da vida.)*

Camille apareceu com pipoca e caos, e o resto do dia foi comum. Comum demais. O tipo de comum que te dá medo.

Quando elas foram embora, minha cabeça virou parque de diversões.

"Ela leu?"

"Ela entendeu?"

"Ela percebeu que era pra ela?"

"Ela vai processar por excesso de emoção em papel reciclado?"

E então, quando a noite já tinha caído...

Camille (21:13)

"Tá, eu fiquei sabendo... Ela leu. Chorou. Guardou. Não falou nada, mas ficou com o poema como se fosse carta premiada. Não foi eu quem mostrou. Ela achou. Sozinha. E te juro: *parecia que tava lendo um pedaço do céu.*"

E eu fiquei ali. Lendo a mensagem. Deitado na cama. Com o coração parecendo banda

marcial ensaiando pro desfile da
independência.

Talvez... talvez as palavras que nunca falei
tenham finalmente encontrado o caminho.

E talvez, só talvez, ela tenha escutado meu
coração sem eu precisar abrir a boca.

XVI

Um Sonho no Campo

Desde pequeno, sempre tive dois sonhos: entender matemática sem cola... e jogar futebol num time de verdade.

O primeiro ainda é um caso perdido.

Mas o segundo... bom, aí vai a história.

Na semana passada, recebi a confirmação: estava inscrito na peneira do **Red Bull Bragantino Sub-17**, ali mesmo em São Paulo. Eu, com meus 16 anos, suando frio e fingindo confiança. E claro, não podia viver isso sozinho.

Chamei as duas que sempre estiveram na arquibancada da minha vida:

— Amélie, Camille... me acompanham nesse rolê?

Camille já respondeu com voz de torcida organizada:

— Óbvio! Levo até cartaz se quiser!

Amélie sorriu daquele jeito que faz meu nervosismo parecer bobagem:

— Se for teu sonho... é o meu também.

O dia chegou. Campo grande, uniforme branco e vermelho, gramado verde brilhando sob o sol paulistano. Meu coração parecia que ia fazer gol antes de mim.

Mas aí... vi as duas na arquibancada. Camille com um boné torto e uma garrafinha d'água que provavelmente não era dela. Amélie com

o olhar mais calmo do mundo — como se confiasse em mim mais do que eu mesmo.

A bola rolou. E então...

Primeiro gol.

Recebi na ponta, girei pra cima do zagueiro, deixei um no chão, driblei o goleiro... e só empurrei pro fundo da rede. Quando levantei a cabeça, fui direto pra elas. Correndo. Braços abertos.

Camille gritou como se fosse gol de final de Copa.

Amélie só sorriu e bateu palma. Mas foi o sorriso que me deu mais fôlego que água.

Pênalti. Coloquei a bola no chão. O mundo silenciou. Olhei pra elas. Bati no canto, seco.

Goooool.

De novo, fui pra arquibancada. Dessa vez, coloquei a mão no coração. Elas aplaudiram.

-Me sentia muito mais feliz de ver elas do que o próprio gol.

Falta. Quase na entrada da área. Respirei fundo, lembrei de todas as vezes que chutei parede em casa tentando acertar o ângulo imaginário.

Bati.

A bola voou... girou... beijou a rede.

Golaço.

E ali, com os pés no chão e o coração no céu,
eu soube: dei tudo.

No fim do treino, os nomes aprovados
foram chamados. Eu tava tremendo tanto
que quase derrubei minha chuteira.

— Renan Rodrigues... aprovado para o Sub-
17.

Silêncio. Depois, grito interno. Eterno.

Corri pra arquibancada. Camille pulou em
cima de mim, quase me derrubando de novo.
Amélie veio logo atrás. Me abraçou

apertado. Foi rápido, mas foi quente. Tipo comemoração de quem sonhou junto.

— Você conseguiu, Renan! — ela disse no meu ouvido.

— A gente conseguiu — respondi.

Voltei pra casa com a chuteira suja, as pernas doendo e o coração limpo, leve, feliz.

Porque naquele dia, eu não só entrei num time. Eu entrei num novo capítulo da minha vida. E as pessoas que estavam comigo desde o primeiro parágrafo... estavam ali na linha de chegada também.

XVII

Ela me disse que me ama

Hoje completa 1 mês desde que comecei a treinar no Bragantino. E tudo ainda parece um sonho maluco que alguém escreveu no meu caderno enquanto eu dormia na aula.

Mas não é sonho. É real. E ficou ainda mais real quando o técnico me chamou:

— Renan, prepara tua chuteira. Você vai pro campeonato em Belo Horizonte.

BH. Outra cidade. Outro estado. Outro capítulo.

Só que tinha um detalhe: *só podia levar uma pessoa comigo. Um convite VIP.*

Eu nem pensei duas vezes.

— Amélie.

A gente viajou juntos. Ônibus do time, malas, risadas, fone de ouvido dividido, salgadinhos roubados da mochila da Camille (*desculpa, Camille*). Falamos sobre tudo e nada. Dormimos encostados um no outro. Teve uma hora que ela cochilou no meu

ombro e eu fingi que tava dormindo também... só pra não mexer e estragar aquele momento.

Chegamos em BH com aquele clima de competição no ar: hotel, concentração, foco. Mas mesmo no meio de tudo isso, ela tava lá.

Sempre sorrindo. Sempre perto. Mas tinha algo diferente. Um brilho novo nos olhos dela. Algo que nem o sol de Minas explicava.

Dia do jogo.

Primeira partida da competição. Vesti a camisa. Sentei no vestiário. Já ia sair quando senti a mão dela puxando a minha.

— Espera — ela disse. Ela me olhou com aquele olhar que desarma qualquer defesa.
— Posso orar por você?

Eu só balancei a cabeça. Coração disparado.

Ela segurou minhas mãos. Fechou os olhos. E começou a falar com Deus. E eu... só conseguia ouvir a voz dela e sentir a paz entrando em mim como se fosse ar novo.

Quando terminou, ela me olhou de novo. Com um brilho que já dizia tudo.

E aí... ela me deu um beijo na bochecha. Devagar. Calmo. Quente. Cheio.

E antes de sair do vestiário, ela me olhou bem nos olhos e disse:

— Renan, eu te amo.

Cara...

Acho que entrei em campo voando. Tive chance de bater um pênalti no segundo tempo. Respirei fundo. Pensei nela.

Bati.

Gol.

Na comemoração, olhei pra arquibancada. Ela tava lá, de pé, com as mãos no rosto e um sorriso que dava pra ver de BH até São Paulo.

Naquela noite, enquanto BH dormia... Eu fiquei acordado, deitado na cama do hotel, revivendo cada detalhe. O beijo. A oração. As palavras.

E agora... tudo tem um novo sentido.

O campo é o mesmo. A camisa é a mesma. Mas meu coração... Tá jogando outro campeonato.

E o nome é Amélie.

XVIII

Ela “Ganhou” meu coração

O campeonato passou voando. Jogo após jogo, gol após gol. Eu fui crescendo. O time foi crescendo. Chegamos até a grande final do **Campeonato Paulista Sub-17**, contra o **Santos**.

E eu... estava empatado como artilheiro da competição.

Mas naquele dia — justo aquele dia — a ansiedade resolveu entrar em campo primeiro que eu.

Tive uma crise de ansiedade. O coração parecia jogar sozinho dentro do peito. As mãos suavam. Afinal, era a final. E era o meu sonho.

Mas antes que eu afundasse nos próprios pensamentos, ela chegou.

Amélie.

Com o jeitinho que só ela tem. Calma, firme, presente. Me abraçou forte. Como uma mãe que acolhe. Como um lar no meio do caos.

— Vem cá — ela disse, puxando minhas mãos.

E fez nosso “ritual” de todos os jogos. Orou comigo. Me abraçou. Beijou minha bochecha. E, como sempre, sussurrou:

— Eu te amo.

Nessa hora, parece que a armadura volta pro corpo. E eu não era só um jogador. Eu era um guerreiro com um amuleto chamado Amélie.

O jogo foi intenso. Pegado. Nervoso.

E num lance do segundo tempo... *torci o tornozelo*. Senti a dor subir rasgando. Quase pedi pra sair.

Mas olhei pra ela. Lá na arquibancada. Com aquele olhar de quem acredita mais em mim do que eu mesmo. E eu sabia: tinha que continuar.

Último lance do jogo. 1 a 1 no placar.

Bola cruzada na área. Me arrastei pra dentro da pequena área como se fosse meu último suspiro.

Ela veio. Alta. Pulei.

Cabeceei.

Gol.

Silêncio. Depois gritos. Depois festa. Depois o mundo girando enquanto eu caía no gramado e chorava como criança.

Acabou. **Fomos campeões.**

E eu? Artilheiro do campeonato. Melhor jogador da competição.

Mas o melhor momento foi chamar ela pro campo, segurar sua mão no meio daquela grama suada, daquele estádio inteiro vibrando, e dizer:

— Esse troféu é seu também.

Voltamos de BH rindo. Cansados, mas leves. Assistimos um filme romântico no ônibus. E olha... eu gostei. Confesso. Talvez mais por ela do que pelo filme.

Dividimos um cobertorzinho do Snoopy, cabeça encostada, e tudo parecia caber ali: o título, os gols, a dor do tornozelo, a

medalha... e um amor gigante nascendo
dentro de duas pessoas e de um cobertor.

XIX

O dia que quase foi

Era um dia normal.

Um daqueles dias em que tudo parece meio sem sal... até o recreio começar.

Ali estávamos nós: eu, Amélie e Camille — *nosso trio favorito*.

Com o vento soprando leve, as risadas ecoando no pátio e um misto de segredos prontos pra serem contados.

— Você tá brincando que tudo isso aconteceu?! — Camille disse, com os olhos arregalados, depois que contamos tudo. Desde BH até o gol de cabeça, a o cobertor do Snoopy.

— Isso foi completamente real— respondi, olhando de canto pra Amélie que, na mesma hora, corou e mordeu o lábio, sorrindo do jeitinho dela.

Camille piscou, cruzou os braços e soltou com aquele jeitinho direto:

— Tá, mas então... quando vocês vão se assumir de vez, hein?!

O mundo parou.

Aquela pergunta bateu mais forte do que uma bola de futsal no frio da manhã.

O coração começou a correr antes de eu conseguir dizer qualquer coisa.

Eu olhei pra Amélie.

Ela me olhou de volta.

E aquele sorriso tímido e sincero veio como um raio de sol.

Ela respirou fundo e começou:

— Quem sabe a g—

— **QUEM SABE O QUÊ?!** — Theo gritou, me pegando pelo pescoço "brincando", do nada, com aquela cara de "tô zoando", mas

todo mundo sabia que não era tão brincadeira assim.

Eu congelei.

Amélie também.

Camille soltou um “eita”.

E no meio do recreio, só com um olhar... deu pra sentir.

O ódio.

E o clima que antes era só amor e riso, virou um campo de tensão.

O sinal tocou.

Todo mundo se levantou.

E eu fiquei ali, com a mochila nas costas e uma pergunta entalada no peito:

Quando é que eu vou ter coragem de me declarar de verdade?

XX

O Príncipe da Festa

A semana parecia normal.

As aulas, o cansaço, a rotina... tudo igual.

Mas na sexta, logo no finalzinho da última aula, ela apareceu.

Com o mesmo sorriso tímido de sempre, mas com um brilho diferente no olhar.

Na mão, um envelope todo decorado com estrelinhas e desenhos dela — *claro que feito à mão*.

Ela parou em minha frente e disse:

— “Lê só quando eu sair da sala, tá?”

E foi embora, deixando só o som do meu coração batendo mais alto que o sinal da saída.

Abri o envelope com as mãos geladas.

Lá dentro, uma cartinha com a letra dela, aquela que eu já reconhecia de longe, e um perfume que agora era a minha essência favorita.

Cada linha era uma dança entre carinho e nervosismo.

Na carta falava da festa que ela vai fazer de 16 anos.

Falava sobre como o ano passado foi difícil, mas como agora ela estava feliz por poder comemorar de verdade.

E no fim, depois de muitas palavras doces, vinha o golpe final:

> *"QUER SER MEU PRÍNCIPE NA MINHA FESTA?"*

Eu travei.

O mundo travou comigo.

E naquele instante... eu soube: aquele era o convite mais especial que já recebi na vida.

A noite da festa chegou.

A decoração parecia saída de um conto de fadas moderno.

Luzes penduradas, flores espalhadas e gente sorrindo — *tudo lindo*.

Mas nada mais bonito do que nós dois entrando juntos, como se fosse rei e rainha da própria história.

E quando a música lenta tocou, a multidão se abriu.

E no meio do salão, só existia **NÓS**.

Dançando juntos, os olhos conectados como se falassem uma língua que ninguém mais entendia.

O mundo foi silenciado, as luzes viraram estrelas, e ali, no meio da festa, o tempo parou só pra nós dois.

Era como se aquele momento tivesse sido guardado desde o início.

Pra ser vivido exatamente daquela forma.

E ali, no meio da pista de dança quase vazia, só sobrou o narrador da vida deles, olhando tudo de longe e pensando:

**— QUE HORAS ISSO VAI ACONTECER
LOGO?!?!?**

XXI

O Presente Que Veio Com Um Sorriso

Quase fim de ano. A escola cheirando a despedida, os cadernos já cansados, e o sol dando aquele tchau preguiçoso mais cedo que o normal.

Mas meu coração tava em contagem regressiva pra outra coisa:

MEU ANIVERSÁRIO.

16 anos.

E dessa vez... diferente de todos os outros.

Camille foi a primeira a me zoar de manhã:

— “Aí, senhor do futebol! Parabéns, mas nem pense que vai escapar de presente nosso!”

Amélia apareceu depois, como sempre, com o timing perfeito.

Veio caminhando com aquele andar que até a sombra dela parece contar poesias.

Trazia um embrulhinho simples na mão... e um brilho nos olhos que já entregava que o presente era especial.

Ela me entregou o pacotinho sem falar nada.

Só sorriu.

Aquele sorriso que desmonta até muralha.

Abri.

Era simplesmente, a outra metade do Planeta Terra prata, que dei para ela. (Naquele momento passou uma redação em minha mente).

E atrás dele, um papel dobrado.

Lá dentro, com a letra dela (*aquela letra meio inclinada que eu já consigo reconhecer de longe*), tinha escrito:

> *"Para te lembrar que, em qualquer campo, em qualquer cidade, em qualquer jogo...*

Eu estou contigo.

*E que sorte a minha poder ver o mundo
comemorando o dia em que você nasceu.*

Feliz aniversário, te amo muito.

Com amor, Amélia.”

(Eu travei).

Literalmente.

Só consegui abraçar ela com tanta força
que parecia que se soltasse... ia cair da
Terra.

E naquele abraço, ela ainda sussurrou:

— “Hoje, a estrela não tá no céu. Tá do meu lado.”

O dia passou como num filme bom.

Amigos, risadas, bolo (que a Camille exagerou no chantilly), presentes...

Mas o maior presente tava ali: **ela**.

Me olhando como se eu valesse mais do que uma barra de ouro.

E à noite, quando já tava sozinho, sentado no meu quarto com as luzes piscando lá fora e o colar no pescoço...

Pensei só numa coisa:

Como eu fui dar sorte desse jeito?

XXII

O Presente Que Veio com Um Sorriso **(continuação)**

Depois do abraço, do bolo, das zoeiras da Camille e da cartinha que virou meu tesouro, o dia ainda não tinha acabado.

Porque depois que Camille foi embora, fui até Amélie, peguei no braço dela e disse: — “Bora comigo. Tem um último presente que eu quero ganhar.”

Ela arqueou a sobrancelha, desconfiada,
mas foi.

Como sempre, confiando em mim de um
jeito que me fazia querer ser melhor.

Fomos pro parque de diversão da cidade.

Aquele mesmo que a gente passava em
frente depois das aulas, mas nunca entrava.

Dessa vez, entramos.

Com o céu pintando de laranja o final de
tarde mais bonito do ano.

Entre risadas na montanha-russa, mãos
dadas no carrinho de bate-bate, e aquele

algodão doce dividido que grudava mais nos
nossos sorrisos que na boca, o tempo foi
ficando mágico.

Mas era na roda-gigante que tudo ia
acontecer.

Esperei o momento certo.

Última volta, bem no alto.

A cidade de São Paulo iluminada lá embaixo,
como se fosse só um cenário para o que eu
ia dizer.

Olhei pra ela.

Cabelo bagunçado do vento.

Sorriso leve.

Os olhos mais bonitos que eu já vi,
refletindo as luzes da cidade.

Respirei fundo.

Coração acelerado mais que em final de
campeonato.

E falei:

— *"Amélia... quer namorar comigo?"*

Ela não respondeu de primeira.

Só me olhou, com as lágrimas regando seu
próprio rosto.

E depois, com a voz baixa, mas firme, disse:

— “É claro que sim, Renan.”

Ali.

Naquele exato instante.

Tudo parou.

O mundo se calou só pra ouvir nossos
corações.

Ela encostou a testa na minha, e a roda-
gigante continuou girando — *como se ela
soubesse que, a partir dali, o mundo era
nosso.*

E sabe qual foi meu maior presente de aniversário?

Foi ela dizendo sim.

Na roda-gigante.

Com o céu inteiro testemunhando.

XXIII

A Melhor Testemunha

No dia seguinte, parecia que eu andava flutuando.

O mundo não tinha mudado, mas eu sim.

Tinha uma leveza nova em mim, uma paz no peito que só quem teve um **"sim"** como o dela pode entender.

Cheguei na escola com aquele sorrisinho que tentava esconder — *mas não dava.*

Amélia vinha do outro lado do corredor, e só de cruzar o olhar comigo... tudo ficava em silêncio de novo.

Caminhamos até o pátio juntos. Mão na mão. Coração em festa.

Camille tava sentada esperando, comendo biscoito e provavelmente aprontando alguma no celular.

Quando ela nos viu, seus olhos saltaram mais que pipoca na panela.

— “AAAAAAAAAAAAAH! EU SABIA! EU SABIA!” — ela gritou tão alto que até o inspetor com torcicolo virou o pescoço.

Ela pulou do banco e veio correndo.

Nos abraçou como se tivesse ganhado na loteria dos amigos apaixonados.

— “ERA ISSO QUE EU TAVA ESPERANDO”

— “Demoraram mais que final de novela!”

— “E AGORA? QUANDO VÃO CASAR?!”

A gente ria.

Ria como se o mundo tivesse virado comédia.

Amélia escondia o rosto de vergonha atrás da minha blusa, e eu só conseguia pensar: *como é bom ter amigos assim.*

Camille ainda soltou mais umas três piadas, e depois disse:

— “Tô feliz de verdade por vocês. Vocês são tipo... alma gêmea em forma de dois adolescentes perdidos que se acharam.”

E naquele instante, eu percebi:

Camille sempre soube.

Sempre torceu.

Sempre foi nossa ponte, nossa plateia e nossa torcida.

E agora...

Nossa maior fã.

XXIV

Novas Temporadas, Mesmo Amor

O ano virou.

Os cadernos novos ainda cheiravam a papel virgem, e os corredores da escola voltaram a ser aquele caos de sempre.

Mas algo dentro de mim tinha mudado: eu não era mais só um garoto com sonhos...

Eu era o namorado da Amélia — e isso parecia ser a melhor parte de qualquer começo.

Três meses.

Três meses de um namoro que parecia filme indie, com trilha sonora suave e finais de tarde em câmera lenta.

A gente já tinha passado por frio na barriga, olhares tímidos e mãos entrelaçadas que diziam mais que qualquer poema.

Amélia era meu lugar de paz — e de riso fácil.

Mas entre os corações e as declarações silenciosas, havia um relógio contando.

Meu contrato com o Bragantino tava prestes a acabar.

A ansiedade batia como pré-prova de matemática: *constante e cruel*.

Até que, num dia qualquer, chegou a mensagem que fez meu mundo parar:

"Renan, fomos convidados para disputar a Copa do Brasil Sub-17. Em Espírito Santo. E você foi convocado."

Meu coração pulou como se tivesse feito um gol de bicicleta.

Mais uma chance.

Mais um campeonato.

Mais um sonho que batia na porta.

E dessa vez, eu não era o mesmo garoto do início.

Agora eu tinha uma base, uma torcida especial...

Alguém que me esperava com abraços que curavam, e palavras que sempre me colocavam de pé.

Amélia.

Eu sabia que a distância ia doer.

Mas também sabia que cada quilômetro entre São Paulo e Espírito Santo ia valer a pena...

Se fosse pra lutar, representar... minha vida, minha rainha.

XXV

Mesmo de Longe

Dessa vez foi diferente.

Dessa vez, o treinador foi firme: "Nada de acompanhantes. É concentração total."

E, pela primeira vez, eu teria que jogar longe da minha torcida mais especial.

Sem a presença da Amélia.

A notícia caiu como um chute no estômago.

Mas, como tudo com ela, sempre existia uma forma de fazer o impossível parecer leve.

Pelo menos o jogo ia passar em TV aberta.

Ela ia poder me ver... torcer por mim... mesmo que de longe.

E aí chegou o dia.

Estreia da Copa do Brasil Sub-17, contra o Criciúma.

As mãos suavam, o uniforme já colado no corpo, e a ansiedade batendo tão forte que parecia que eu ia jogar no coração, não no campo.

E então... o celular vibrou.

Amélia.

Ligação de vídeo.

30 minutos antes do jogo.

A voz dela invadiu o quarto do hotel como um cobertor quente no meio do inverno.

— “Oi, meu amor... só queria dizer que tô aqui, que vou ver tudinho. E que mesmo longe, você nunca vai deixar de ter meu apoio... e meu amor.”

A gente ficou ali, conversando até o último segundo que o técnico deixou.

Falamos sobre o jogo, sobre ela, sobre a saudade, sobre nós.

Ela me desejou sorte, fez aquela oração baixinha como de costume...

Disse o que sempre faz meu mundo parar e se reconstruir:

“Eu te amo.”

O jogo começou.

E quando a bola caiu no meu pé, parecia que cada palavra dela ainda ecoava na minha cabeça.

Driblei, corri, dei passes, chutei...

E quando o momento veio, eu não hesitei.

GOOOOOOL.

Fui correndo direto pra câmera.

Fiz um coração com as mãos.

E depois, com o pouco de libras que aprendi só por ela, soletrei seu nome no ar.

A M É L I A.

De longe, mas comigo.

Quando cheguei no hotel depois do jogo, o celular quase explodindo de mensagens.

Mas tinha uma só que importava.

"Vi tudo. Vi você. Vi o coração. E vi o meu nome. Você me fez chorar"

E aí... a gente conversou.

Sobre o jogo, sobre o amor, sobre como a distância só mostrava o quanto estávamos perto.

Ficamos ali, conectados por uma tela, por palavras, por sentimentos que nem a saudade conseguia calar.

Até o outro dia.

Até o sono chegar.

Até o coração bater mais calmo, sabendo que ela tava lá — *e eu, aqui* — mas que ainda éramos **nós**.

XXVI

"Por Deus, Por Camille... e Pela Minha Rainha"

Final da Copa do Brasil Sub-17.

Bragantino x Flamengo.

O Flamengo... invicto há mais de quatro anos nessa competição.

Ninguém conseguia tirar esse título deles.

Mas quer saber?

Eu não tava nem aí.

Na minha cabeça, não existia invencível.

Não quando eu sabia o que me trazia força.

No caminho pra palestra de pré-jogo, fui cumprimentar o treinador como sempre.

Mas, antes que eu dissesse qualquer coisa, ele olhou pra mim com um sorrisinho estranho e falou:

— "Tenho uma surpresa pra você."

Meu coração pulou.

— "Surpresa?"

— "Vai até seu quarto."

Corri.

Abri a porta.

E ali...

Ela.

Amélia.

Sem que eu pudesse pensar, ela se agarrou em mim com tanta força, que o mundo inteiro parou só para ver isso.

E naquele abraço eu soube:
a final já tava nas minhas mãos.

Agora era só segurar firme.

Jogo começa.

Primeiro tempo: Flamengo 1.

Segundo tempo: Flamengo 2.

A torcida deles já tava gritando "é campeão".

Mas eles esqueceram que ainda existia coração dentro de campo.

E coração não se mede.

Faltavam 5 minutos.

Rebote na área.

Chutei sem pensar. **GOL**. 2 a 1.

Últimos segundos do jogo.

Roubo a bola no meio campo.

Lanço pra frente.

Corro. Corro como se tudo dependesse disso.

Chutei.

GOOOOOOOOOOL.

2 a 2.

A esperança voltou.

Pênaltis.

Um a um.

Goleiros quase não pegando nada.

Torcida em suspense.

Até que nosso goleiro faz milagre.

Pegou o último deles.

Agora era só fazer.

E adivinha quem ia bater?

Eu.

A caminhada até a marca do pênalti foi
como um novo roteiro.

Lembrei de tudo.

Das escolas antigas,

das vergonhas,

das frustrações,

do menino calado que sonhava em ser visto.

Mas ali, naquela grama iluminada, com 10 mil
pessoas no estádio...

Eu era visto.

Eu era alguém.

Coloquei a bola na marca. Respirei.

E disse baixinho:

— Por Deus.

— Por Camille.

— E pela minha rainha.

Chutei no ângulo.

GOL.

Campeão.

Corri direto pra arquibancada.

E ali na primeira fileira...

ela.

Amélia.

Subi, e a beijei.

E juro...

foi melhor que o gol.

Mais uma taça.

Mais uma medalha.

E pela segunda vez, tirei do meu pescoço e coloquei nela.

Ela sempre foi minha maior Conquista.

Depois de comemorar com o time, voltamos pro hotel.

A galera na empolgação.

Mas eu... só queria paz.

Subi com Amélia.

Deitamos, e ela deu play num filme qualquer.

Mas... não era qualquer filme.

Era aquele mesmo filme de um ano atrás, no ônibus.

E sabe o que percebemos?

Era a nossa história.

Só que com uma diferença:

a nossa não teve roteiro.

Não teve direção.

Não teve ensaio.

Foi real.

Foi sobre alma, amor e claro...

SOBRE NÓS.

E ali, abraçado com ela...

Eu percebi que o maior prêmio que a vida já me deu, não foi uma taça.

Foi Ela.

XXVII

Até Que a Morte Separe Nosso Trio

O tempo passou.

21 anos.

Sim... já se foram alguns anos desde aquele pênalti que mudou tudo.

Desde aquela taça. Desde aquele beijo na arquibancada.

Desde aquele filme que parecia profecia.

E agora?

Agora eu estou aqui.

Vestindo a camisa do Grêmio.

Profissional.

Vivendo aquilo que aquele moleque de chuteira furada sonhava lá atrás.

Mas tem uma coisa que é melhor que qualquer título:

Amélia ainda tá do meu lado.

E o mais louco?

Ela me ama ainda mais do que antes.

Tipo... mais todo dia.

E eu também. Ela virou minha casa, minha calma, minha certeza.

Camille?

Ah, a Camille...

Arrumou um doido à altura: *Henry*.

O cara é o espelho dela.

Os dois têm o mesmo jeito de rir, a mesma loucura boa, as mesmas frases rápidas e sinceras.

Ela olha pra ele como olhava pra gente, com aquele brilho meio debochado e verdadeiro.

E por que eu tô contando isso?

Porque hoje eu recebi uma mensagem que parecia mentira:

Uma proposta.

Do Paris Saint-Germain.

FRANÇA.

Sentei. Respirei.

Na hora, chamei a Amélia pra conversar.

Ela ouviu.

Ficou muda por um tempo.

Depois me abraçou e falou:

— “Eu vou com você pro fim do mundo, se quiser. Mas vamos.”

A gente sorriu. Choramos juntos.

E ali decidimos:

vamos aceitar.

Mas não acabou aí.

Com o dinheiro que fui guardando nesses anos, entre um gol e outro, uma economia aqui e ali, consegui algo ainda maior que um contrato europeu:

Comprei uma casa.

Não só pra mim e pra Amélia.

Mas também uma para Camille e o seu namorado.

Porque lá atrás a gente fez uma promessa:

"Até que a morte nos separe."

E isso incluía Camille.

Sempre incluiu.

crescido, vivido, meio louco, mas firme.

E enquanto arrumamos as malas rumo à
França, uma certeza ecoa no meu coração:

Não importa onde o futebol me leve...
meu lar vai ser sempre do lado dela.

XXVIII

“Ella Accepte”

Sábado à noite.

Paris, França.

A cidade do amor. Da luz. Do eterno.

Depois de uma semana cheia de treinos,
compromissos e responsabilidades...

Resolvi viver um momento só nosso.

Chamei Amélia.

Sem dizer muito.

Apenas:

— “Se arruma... vamos sair.”

Pegamos o metrô, descemos perto da Champs-Élysées, caminhamos rindo feito dois bobos.

Fomos conhecer, pela primeira vez juntos, a tão falada *Torre Eiffel*.

Antes de chegar, compramos dois croissants numa vendinha charmosa e barata.

E como o vinho tava caro demais, escolhemos suco de uva.

— “É melhor do que vinho, de qualquer jeito”, ela disse.

Eu ri. Ela também.

Então...

Lá estávamos.

Bem de frente à Torre.

Iluminada.

Linda.

Como se tivesse sido acesa só pra gente.

Respirei fundo.

Meu coração batia como naquele pênalti da final.

Me ajoelhei.

Tirei do bolso uma caixinha.

E com a voz trêmula e cheia de verdade,
perguntei:

— *Amélia, aceita casar comigo?*

Por um segundo o tempo parou.

Mas só por um.

Porque logo os sons voltaram.

Uns franceses ao redor começaram a bater
palmas e gritar:

— “Ella accepte! Ella accepte!”

Tipo uma torcida de filme.

Amélia sorriu.

Com os olhos brilhando e o rosto molhado
de lágrimas.

E com a voz da mulher da minha vida,
respondeu:

— ***Eu aceito.***

Naquele segundo...

Eu não era só Renan.

Era o Renan de Amélia.

Naquele abraço,

naquele beijo,

naquele local...

eu encontrei um novo Eu.

Alguém que sabia que o amor, de verdade, é aquele que começa no primeiro olhar, mas cresce em cada escolha.

E agora, ali embaixo da Torre Eiffel, com a aliança no dedo dela e o coração explodindo de alegria...

Tudo o que eu conseguia pensar era:

"Ela disse sim. E é pra sempre."

CAPÍTULO FINAL

“Agora eu sei”

Um dia eu escrevi...

Sem saber, sem ter.

Questionando o amor,

com medo de perder.

Mas hoje —

Hoje eu não pergunto mais.

Hoje eu sei.

Eu já quis saber se era amor,

ou se era só fase, só vento, só dor.

Já temi que o tempo apagasse

o brilho do teu olhar no meu mundo sem cor.

Mas hoje eu sei.

Porque quando o tempo passou,

teu nome permaneceu.

Quando tudo mudou,

foi você quem cresceu comigo.

E eu com você.

Na final da Copa,
na subida da vida,
na roda gigante ao pôr do sol...

Cada cena me dizia o mesmo:

"É ela."

Hoje não sou mais o garoto que sonhava,
sou o homem que viveu.

E que ajoelhou no chão de Paris
pra te dizer, de novo:

"É com você que quero tudo. E mais."

A dúvida virou história.

O medo virou memória.

E o amor...

Virou lar.

Hoje, se perguntarem:

"É ela?"

Sim.

É.

Sempre foi.

E sempre vai ser.

FIM

CHUTEI PRO GOL... E ACERTEI SEU CORAÇÃO.

AGRADECIMENTOS:

Para a *Giih*:

Agradeço à Giih por sempre espalhar alegria por onde passa. Sua energia contagiante, os risos divididos e os papos que nunca acabam foram parte essencial dos meus dias. Obrigado por ser presença leve, amiga fiel e companhia de tantas memórias boas.

Para a *Limah*:

Você merece um agradecimento especial por ser essa pessoa tão sensível, parceira e verdadeira. As conversas, as risadas fora de hora e a tranquilidade que você transmite. me ajuda mais do que imagina. Obrigado por ser essa amiga tão presente e única.